

UM GRANDE JORNALISTA E A ESCOLA QUE FUNDOU

A HERMA DE FRANCISCO CARDONA QUE HOJE SE INAUGURA

EM MOGI-MIRIM

Mogi-Mirim, a velha cidade paulista, segundo pouso de bandeirantes que faziam as entradas, rumo dos "Campos dos Góiaszes", partindo do primeiro pouso de Campinas, vai prestar hoje a Francisco Cardona homenagem consagrada, com a inauguração da sua herma num dos cantos da praça Rui Barbosa, Ficar<sup>á</sup> o busto do velho jornalista na mesma praça batizada com o nome do baiano insigne que, durante a vida inteira consagrou inteligencia, cultura e todas as suas energias ao pregão e à defesa da liberdade de palavras falada e escrita em todas as manifestações do pensamento.

Francisco Cardona, homem de jornal desde o inicio de uma vida cheia de trabalhos, lutas e duras atribulações, ao fundar "A Comarca", em Mogi-Mirim, a 55 de julho de 1900, deu à imprensa do interior um modelo e aos seus colegas, jovens e velhos, exemplos de uma dignidade profissional que teriam que fazer, como fizeram, escola e criar uma tradição. O jornal por ele fundado e hoje dirigido, composto e orientado pelos mesmos rapazes que dele receberam esse legado precioso, depois de receberem, durante trinta anos, suas lições, seus ensinamentos e seus exemplos - pode ser apontado como escola viva de um nobre exercicio jornalístico. O jornal, no interior, enfrentando dificuldades e vicissitudes que, sob alguns aspectos, são maiores do que os tropeços dos jornais da capital, servem a partidos ou correntes de opinião de ambito local. Sendo partidarios, são apaixonados, muitas vezes veementes e, em certos choques ou ensejos, violentos e ferinos. Os desentendimentos da localidade, as incompatibilidades entre chefes e soldados do mesmo partido ou de partidos adversarios e de familias de prol assumem fei-

Um grande jornalista e a escola que fundou

(cont.)

- fls. 2 -

ção virulenta por ser estreito o ambiente e, por isso mesmo, propício a mais vivas fermentações. Manter um jornal a cavaleiro desses ares mofinos é tarefa a que só um homem de visão larga e de rara fortaleza de animo, isento de ligações ou sujeições partidarias, poderá realizar, com proveito para a terra e sem sacrificio de normas estritas de probidade e independencia. Fundando "A Comarca", Cardona que vinha de outras terras e tinha residido em centros de maior cultura e de mais acesas polemicas, em muitas das quais se envolvera com todos os ardores juvenis, criou um orgão de opinião que assumiu logo a feição de tribuna, não de um partido, nem mesmo de uma cidade, mas de uma zona de área externa, na qual se refletiam, por ele bem traduzidas e bem apresentadas, todas as questões, debates e crises que fustigavam o Estado e a Nação. O jornal era bem feito, bem composto, variado, de impressão nitida, durante muito tempo em papel cõr de rosa e assumiu logo a sua feição propria de combatente das boas causas em que o interesse pessoal do redator não tinha parcela alguma de intromissão. As cidades proximas, algumas delas de alto nivel de civilidade e educação, procuravam o jornal de Cardona como o "seu jornal" e esse trabalho de penetração converteu Mogi-Mirim num centro de atração cultural que, de alguma forma, contrabalançava a decadencia que nela era bem visivel naquele primeiro decenio como consequencia da crise do café e do grande exodo de lavradores e homens do trabalho para as zonas novas de mais rendosa produção.

É que ele levava consigo uma pratica larga do officio e uma formação moral que lhe imporiam o nome ao respeito dos seus leitores, espalhados, não apenas na sua comarca, mas em comarcas diversas e distantes.

Era probo e comedido nos comentarios e criticas sobre fatos locais; habil no manejo da pena, dono de estilo claro, de-

Um grande jornalista e a escola que fundou  
(cont.)

- fls. 3 -

sembaraçado, chistoso e livre de rebuscamentos. Com esses dotes espirituais e com a orientação nascida de uma intelligencia perspicaz, sentia o interesse publico e nele colhia a inspiração sadia para suas campanhas. Iniciada a campanha, não estacava na marcha e, empenhado na polemica, revelava uma tenacidade inquebrantavel. Essa tenacidade era dote que ele demonstrara desde bem moço.

Nascido em Pelotas, em setembro de 1866, filho de pai portuguez, que era carpinteiro e de mãe de tronco catalão, do qual guardou o sobrenome, sentiu desde pequeno as dificuldades da vida. Só poudo frequentar escolas primarias, ajudando o pai no officio de carpinteiro e apurandoos estudos na Biblioteca Publica Pelotense. Ali fez relações maiores, passou a frequentar jornais e sentiu a sedução da carreira. O Rio Grande agitava-se na campanha republicana e Francisco Cardona entrou no movimento com todos os seus impetos liberais. Em 1889 foi residir em Santa Catarina e ali trabalhou em jornais e em clubes republicanos. Proclamada a Republica voltou ao Rio Grande, mas tomou logo após rumo de São Paulo, indo ter a Campinas. Em Campinas tentou, com Alfredo Pinheiro e Carlos Ferreira, poeta gaúcho, autor das "Rosas Lóucas" e "Alcyones" e velho companheiro de Francisco Quirino, dar novo alento à "Gazeta de Campinas", que se arrastava dificultosamente, já sem objetivo, após a instituição da Republica, e sem o vigor dos antigos combatentes. A tentativa fracassou, principalmente pela desorganização a que Pinheiro estava afeito. Fechou-se o jornal e Cardona abriu tipografia e papelaria, estabelecimento do qual era dono, gerente e em certo tempo tipografo e impressor.

A "Casa Cardona" funcionou em Campinas na rua Direta, depois denominada Barão de Jaguará, de 1892 a 98, até que um incendio a destruiu, arruinando completamente a vida de Cardona.

Um grande jornalista e a escola que fundou

(cont.)

- fls. 4 -

Teve ele, durante tres anos, que enfrentar, em pleito judicial cortado de chicanas e acrimonias a empresa de seguros, "Northern", que se socorreu de todos os argumentos e ardis para não pagar o seguro. Quando a ultima palavra foi dada, em ultimo recurso, pelo Supremo Tribunal, com a vitoria de Cardona, estava ele esgotado pelo esforço dispendido, trazia a saude abalada e sentia a ruina à porta; as delongas do julgamento, embora com a vitoria completa, sacrificaram a vida do litigante vitorioso e cumularam-no de desgosto. A conselho de amigos transferiu-se para Mogi-Mirim e ali instalou nova tipografia e papelaria, com o mesmo nome - e um ano depois o jornal.

Da vida jornalística que tambem fizera em Campinas trazia ele um bom cabedal, pois trabalhou no "Diario de Campinas" e frequentou assiduamente a sua redação, na qual se revezaram Alberto Sarmiento, Julio Riedel, Paulo de Lacerda, Heitor Barbosa, Nogueira Itagiba e Leal Costa, este o unico sobrevivente daquela vibrante falange. Era fundador, dono e reporter do jornal Antonio Sarmiento e seu auxiliar o irmão Joaquim Ulisses, nomes acatados nas tradições jornalísticas da terra que fizeram sua, pois eram todos eles naturais de Mogi-Mirim.

Mas em Campinas, borboleteando por varias secções do "Diario", como o fazem as mariposas deslumbradas pela luz, e dirigindo sua tipografia com dedo de mestre, ainda arranjou tempo para organizar, com José Rocha, o Rochinha, jornalista risonho e boemio, em 1892, um "Almanaque", livro precioso e hoje difficilimo de se encontrar. Restaram os dois a tradição ali implantada pelo velho José Maria Lisboa que, ao tempo da "Gazeta de Campinas" que ajudara a fundar, tambem organizou varios almanaques, uns de Campinas, outros de Campinas e Rio Claro e, aqui, dois excelentes Almanagues de São Paulo que lhe grangeram o apelido de "Lisboa dos Almanagues".

Fixando sua residencia, em 1900, na cidade de Mogi-

Um grande jornalista e a escola que fundou  
(cont. )

- fls. 5 -

Mirim e ali passando a editar "A Comarca", assumiu Francisco Cardo-  
na concomitantemente o papel de assessor, conselheiro e editor de  
outros jornais de cidades proximas, dando aos fundadores dessas fo-  
lhas indicações valiosas e instruindo-os com o contingente precioso  
da sua pratica do officio. Não temia a concorrência desses órgãos; ao  
contrario, estimulava os seus fundadores a melhorar-lhes o aspecto,  
ampliar-lhes a circulação, e acompanhar o que ele estava fazendo em  
Mogi-Mirim. Contribuiu, assim para o lançamento e a vida, de alguns  
longa, de outros efemera, do "Itapireense", de Itapira, do "Jornal do  
Povo", de Ouro Fino, "O Trabalho", de Nova Louzã, "A Ordem" de Jacu-  
tinga e outros.

Era como esses patriarcas que, tendo familia propria e  
filharada com os pesados encargos, levam à pia batismal filhos de ami-  
gos ou conhecidos a todos estendendo uma benção paternal e acudin-  
do com conselhos e, mesmo amparo material nas quedas, aperturas e  
vacilações da carreira.

Dentro do seu município agiu sempre com austera orien-  
tação, visando obras de interesse público, melhoria de serviços exis-  
tentes, fundação de escolas, restauração de edificios e de templos  
e criticando, quando preciso, com energia, mas sem acrimonia, os  
desmandos de chefes ou a incompetência das administrações. Encarava  
esses problemas e questões com espirito imparcial, em tom firme, em  
estilo claro, despido de enfatuação e sem jamais descer a diatribes  
pessoais, que têm sido, tantas vezes, a origem de desentendimentos  
insanáveis. Revidava aos ataques com sobriedade e compostura embo-  
ra tendo que enfrentar, nalgumas campanhas, vozes apaixonadas e vio-  
lentas que o cobriam de baldões. Advieram-lhe amarguras, mas Cardo-  
na as ia esquecendo, com a sua crescente preponderância na opinião

pública. Nesse decurso de meio século, a sua contribuição para o progresso da zona mogiana foi das mais eficientes, e em muitas questões verdadeiramente decisivas.

Com o seu jornal e a linha que lhe imprimiu, Cardo na fez escola para o seu público e para os homens que durante tres décadas ocuparam posto de relevo da administração da sua cidade; educou os mais abespinhados a aceitarem conselhos, admoestações e críticas sem as atribuirem, como era vezo, a expansões de inveja ou de mal sopitada antipatia. Isso, no interior, em centros em que antigos odios partidários sempre fervilhavam, é obra difícil, a que só pode abalançar-se um espírito de missionário.

Mas não ficou apenas aí o aprendizado. O aspecto melhor dessa obra de propaganda, compreensão e senso humano da vida foi a formação de um grupo de rapazes que ele fez seus discipulos e depois seus sócios, a eles dando entrada na casa comercial, a "Casa Cardona", transferindo-lhes em seguida o estabelecimento e, depois de prepará-los nas lides do jornal, entregando-lhes a gerência, a redação e a propriedade da fôrma. Esses rapazes, hoje homens feitos e homens de prestígio e acatamento na sua cidade e nas circunvizinhas, Emilio e Orlando Pacini e Francisco Piccolomini, todos mogianos, descendentes de honrados troncos italianos, constituíram para Francisco Cardona sua família espiritual: entraram para a "Casa Cardona" todos eles, como aprendizes de tipografia, aperfeiçoaram-se no ofício e afeiçãoaram-se ao jornal, desempenhando nele funções de crescente responsabilidade que o fundador lhes ia atribuindo. De há muito caminhavam sozinhos, apenas acompanhados com enlevo pelo mestre que neles se revia como um pai antevê, jubiloso, nos triunfos de um filho bem encarreirado.

Casado em Campinas com uma senhora de alto quilate intelectual, a poetisa Ibrantina Cardona, de antiga família fluminense, encontrou na esposa uma companheira solícita e desvelada, que foi o seu amparo espiritual nos dias de angustia e de tormenta. Dessa união não vieram filhos e por isso o patriarca do jornalis-

Um grande jornalista e a escola que fundou.  
(cont.)

- fls. 7 -

mo do Interior recebeu, assistiu e encaminhou, como filhos do seu sangue, os tres aprendizes tipografos que a sua boa fortuna e a sua perspicácia fizera encontrar em Mogi-Mirim. Nenhum filho legitimo, se ele os tivesse, excederia em lealdade e devoção para com Cardona, nos trabalhos da sua vida, e em devoção ao seu conceito e à sua memória, esses tres sucessores que hoje dirigem a empresa e o jornal com a mesma severidade que Cardona lhes ensinou num trabalho comum de quase trinta anos. E a viuva de Cardona, d. Ibrantina, tem o conforto de se ver envolvida na mesma atmosfera de veneração e respeito que esses herdeiros espirituais do marido lhe tributavam, como projeções daquela trabalhosa existência. É este um dos mais belos exemplos que conheço da continuidade de uma tradição honrada, conseguida pelo ensino e principalmente pelo exemplo.

Na oração que estou incumbido de proferir em Mogi-Mirim, a convite da comissão local e do trio jornalístico Pacini-Piccolomini, designação a que se juntou uma honrosa delegação da "A.P.I." (Associação Paulista de Imprensa) acentuarei esses traços significativos da obra de Francisco Cardona, tão elevada no ministério jornalístico que exerceu, como nessa formação dos sucessores, que ele plasmou com inteligência e acuidade, mas muito mais pela força do coração.

o o o

*Correio Paulistano, 8-VII-1951*